

Já Arantes destaca a relação entre a concepção de cidade-mercadoria e a apropriação da cultura pelo mercado, o que tem levado, em várias cidades, não apenas nos contextos periféricos, à promoção de uma mercantilização total do urbano, obliterando seu papel de difusora e democratizadora de conteúdos culturais. Das ilusões urbanísticas modernistas às novas concepções fluidas da arquitetura pós-moderna, ninguém teria sido capaz de provocar uma ruptura desta tendência. A produção de novas morfologias urbanas, independente de seus conceitos iniciais, estaria apenas reiterando a dimensão excludente das cidades.⁵ Em que pesem a força e erudição da argumentação da autora, não temos resolvido o desafio de combinar o desenvolvimento econômico da cidade (que é de interesse da maioria dos seus cidadãos) com a necessidade de ampliar a democratização das conquistas culturais da cidade.

Estimular soluções de articulação entre economia da cultura e transformações territoriais é um dos objetivos do presente trabalho. Assim, apresentam-se indicadores da presença territorial das empresas relacionadas direta e indiretamente à cultura. Definido o universo operacional do trabalho, procuramos verificar as estruturas espaciais no que se refere à localização destas empresas.

A esta dificuldade sobrepõe-se a questão da fluidez do conceito em contraposição a uma estrutura mais rígida e predeterminada do universo das convenções estatísticas. Mesmo assim, acreditamos ser possível traduzir a economia da cultura em alguns números que dimensionem a questão no município de São Paulo e, a partir destes resultados, sugerir algumas reflexões para um debate que, certamente, tem o potencial de contribuir para a resolução dos importantes desafios de construir o futuro da Cidade de São Paulo.

Diante de todas as possibilidades que podem ser listadas, a opção no presente trabalho foi a de mensurar o peso das atividades ligadas à produção cultural no contexto da economia formal do município. É sabido que este trabalho é incipiente e ainda muito preliminar. No

entanto, procurou-se articular as atividades de georreferenciamento e crítica das informações oriundas da Relação Anual de Informações Sociais – Rais com os estudos pioneiros desenvolvidos, inicialmente, pela Fundação João Pinheiro e, em seguida, pelo IBGE, ambos em parceria com o Ministério da Cultura. No caso do IBGE, particularmente, buscou-se articular diversas pesquisas e cadastros, que podem ser parcialmente reproduzidos aqui.⁶ Cientes de que novos indicadores possuem um longo tempo de maturação, a escolha se deu no sentido de aprimorar e dar continuidade a um trabalho de caráter empírico e que explora as bases existentes.

A construção das bases de informações

Como medir a importância da cultura na economia paulistana

Além da grande dificuldade em se definir o que é cultura e quais são suas atividades componentes, há, também, a de encontrar dados e informações que balizem sua importância para a economia local, uma vez que esta preocupação, no país, é recente. Para São Paulo, mesmo com o reconhecido grande número de atividades do setor, não existem números ou valores oficiais que expressem sua participação, por exemplo, no total do Valor Adicionado ou do PIB municipal. Considerando-se que, para o Brasil, a participação do setor cultural está estimada em aproximadamente 1% do PIB nacional, poder-se-ia afirmar que, utilizando-se este mesmo parâmetro, o PIB do setor no município estaria por volta de R\$ 2 bilhões, um montante significativo cujo efeito multiplicador, seguramente, deve ser olhado com atenção pelos diversos profissionais do setor e agentes governamentais.

Todavia, na falta de um maior detalhamento das Contas Municipais em relação a estas atividades, tentar-se-á dar uma dimensão do volume que elas representam para o município, por meio de uma importante fonte de informações disponibilizada pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), que é a Relação de Anual de Informações Sociais – Rais.